

Curso de marcenaria para mulheres: sobre a manifestação de discursos hegemônicos em plano sutil

On a carpentry course for women: the manifestation of the hegemonic discourses in the subtle sphere

Barbara Venosa, Líliliana Cabral Bastos**

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)*

Resumo: O presente artigo tem por finalidade a desnaturalização daquilo que é cotidianamente naturalizado por discursos hegemônicos – sobretudo aqueles que versam sobre questões de gênero. Para uma análise crítica, parte-se de um curso de marcenaria para mulheres. O objeto de análise é, então, a interação de um professor com dez alunas do curso. Por meio de uma perspectiva etnográfica, as interações serão analisadas por uma lente qualitativo-interpretativista não essencialista, sendo observadas à luz dos Estudos Sociointeracionais do Discurso. Tencionando a problematização de questões latentes, a teoria *queer* será utilizada como recurso crítico e anticristalizador. Nessa análise, será observada a forma como hierarquias de gênero estão subjacentes à interação professor/alunas. Para tal, a performance dos participantes será analisada, bem como a estruturação de alinhamentos na sequência de enquadres da interação. Estratégias discursivas adotadas para a construção performática e para a manutenção do piso conversacional do professor serão observadas, bem como a sustentação de suas falas por parte das alunas em contexto situado.

Palavras-chave: Gênero. Interação. Performance. Performatividade. Etnografia. Poder. Marcenaria para mulheres.

Abstract: The aim of the present article is denaturalizing what is naturalized by hegemonic discourses – especially those related to gender issues - in our everyday lives. The starting point for a critical investigation is a carpentry course for women. Our research object lies in the social interaction between a male teacher with ten female students. From such ethnographic perspective, we will analyze interactions from a qualitative-interpretativist non-essentialist perspective, which will be observed in the light of the Sociointeractional Studies of Discourse. Taking as a goal the problematization of latent issues, the queer theory will be utilized as a critical anti-crystallizing resource. The form though which the gender hierarchies underlay the interactions male teacher/ female students will be carefully observed. For this purpose, the performance of the involved participants will be duly analyzed, as well as the structuring of alignments in the sequence of frames and interaction. The adopted discursive strategies used in the building of the teacher performance and maintenance of his floor will, thus, be observed as the way his female students support his sayings within this situated context.

Keywords: Gender. Interaction. Performance. Performativity. Ethnography. Power. Woodcraft for women.

Introdução: O foco no sutil

Na vida cotidiana, em nossas mínimas atitudes, escolhas e posicionamentos, acabamos por endossar discursos hegemônicos e suas representações, sem que possamos nos dar conta. Nossos olhos se voltam naturalmente para o que é gritante, para o que é flagrante e para o que nos causa óbvia indignação. O que é sutil, no entanto, muitas vezes, nos passa despercebido e, quando apontado, não parece encontrar terreno fértil para a legitimação por não representar uma ameaça grande o suficiente aos nossos parâmetros ético-sociais, que justifique problematizar (ou se indispor).

O presente artigo se propõe, nesse sentido, a evidenciar a importância do estranhamento do campo sutil e da desnaturalização do que se naturaliza pelos Discursos com "D" maiúsculo¹ (GEE, 2001), apontando para a *queerização* como ferramenta possível na problematização de qualquer assunto que perpassa alguma laminação social.

Em um curso de marcenaria para mulheres de dois dias de duração, situado em uma comunidade do Centro do Rio de Janeiro, um professor – cuja performance de masculinidade não hegemônica acaba por encobrir relações de poder subjacentes – interage com dez alunas mulheres, servindo de ponte para a entrada em um universo comumente atrelado ao domínio masculino.

Os dados gerados em 2017 – em tal contexto socialmente circunscrito – servem como ponto de partida para uma análise qualitativa interpretativista no âmbito da Sociolinguística Interacional, tornando possível a percepção da forma como discursos hegemônicos se insurgem no que é pequeno e em como encontram terreno para enraizamento e para disseminação.

Ugo, o professor (nome fictício, bem como os das alunas), tem cerca de trinta anos, é mestiço, baiano, de fala mansa, usa *dreadlocks* nos cabelos e, em sua performance, adota um registro suave, de prosódia lenta e pausada, sem qualquer traço de discurso de ódio, de fala impositiva ou o que se possa indexicalizar de imediato com o domínio masculino hegemônico. Suas alunas, algumas mais proficientes do que outras no campo de marcenaria, são moradoras de diferentes regiões cariocas e desempenham, em suas vidas, ofícios variados.

Tomando como base a laminação de gênero e nos voltando para questões de

¹ Fazendo oposição ao discurso com “d” minúsculo, relativo aos usos da linguagem, o discurso com “D” maiúsculo, de acordo com Paul Gee (2001), relaciona-se àquilo que permite identificar grupos sociais, como suas ações, seus valores, seus conhecimentos e suas possibilidades de existência.

performatividade butleriana, entendemos que, a despeito de que um condicionamento discursivo para performance de gênero possa se dar, desde que se anuncia o nascimento de uma criança, não estamos engessados e fadados a replicar um determinado tipo de performance "esperada" pelo senso comum. Podemos quebrar com esse padrão performativamente, o que representa uma via menos determinista, com ações em fluxo. Nossa análise também recai sobre a questão do poder como base e como orientação subjacente nas relações sociais e nos interessa observar como este se articula nas menores brechas da interação social e da performance via Discurso.

A seguir, aprofundaremos a questão do poder manifesto em interação, nas interfaces entre o pós-feminismo e o neoliberalismo, e na teoria *queer* enquanto ferramenta de questionamento e de problematização. Focalizaremos o recorte interacional micro para, em seguida, dar início à análise de dados.

1 Aparato teórico-metodológico – sobre formas de olhar para o sutil

Nesta seção, veremos como se articulam as manifestações de poder em interação social, observaremos os pontos de convergência entre o dito "pós-feminismo" e o neoliberalismo, e, por fim, trataremos da queerização como caminho possível para problematizar questões estruturais naturalizadas pelo senso comum.

1.1 O poder manifesto em interação social

O poder constitui há tempos objeto de investigação de diversos estudiosos. Sob o prisma de questões de gênero, partiremos de Fishman (2010), retomando suas observações sobre a forma como este se edifica a partir do que é corriqueiro e do que é mundano nas relações cotidianas entre homens e mulheres. Em sua pesquisa, a autora chama atenção para o fato de mulheres serem quem tem maior trabalho para manter o piso conversacional, o que já representa uma indiscutível pista para a observação de assimetrias de gênero durante a interação. Poder, constata Fishman, é concreto, tem relação direta com construção de realidade e as interações sociais refletiriam esse embate de forças sócio-históricas de forma situada a todo instante de forma estrutural.

Há ainda uma perspectiva de poder que opera, não na repressão, mas no sentido de uma manutenção de interesses, se mostrando de forma fluida, dinâmica e alinhada a um sentido de "liberdade". Segundo Byung-Chul (2019, p. 19): "É uma crença equivocada que

o poder atue apenas pela repressão ou pela destruição. Mesmo como meio de comunicação, o poder zela para que a comunicação *flua* de maneira veloz em uma determinada direção.”. Byung-Chul (2019), consonante à ideia de Foucault de que o poder se encontra onde há liberdade, aponta que o poder que se mostra de forma sutil, que parece pequeno ou contido e passa despercebido possui impacto inegavelmente superior ao poder óbvio e explícito.

O poder autoafirmado, com toda a força empregada para tal, já daria por si, segundo ele, indícios de deterioração. Por outro lado, não há poder em um ambiente totalmente passivo e um mínimo de tensão se faz necessário para a luta. Byung-Chul retoma também Nietzsche quando pontua que a verdade também é em si uma forma de exercício de poder onde aquele, subjugado por vezes, acaba por replicar inadvertidamente uma perspectiva de outrem.

Já a abordagem de Butler para poder problematiza o binarismo “feminino vs masculino” e a categoria “mulheres” de representação, lembrando que qualquer suposta identidade feminina não há de ser homogênea e compreende outras variáveis que inviabilizam um entendimento único de verdade, subjazendo relações de dominação, pois “ser mulher” não alcançaria tudo o que alguém é, visto que há tantas outras laminações como raça, classe, etnia, inter-relacionadas à questão de gênero nua e crua, e tal separação seria, então, inviável (BUTLER, 2016, p. 21). No âmbito da linguagem, a performance e as suas artimanhas conseguem encobrir o fato de que não se “é” um sexo ou um gênero. A despeito disso, Wittig (*apud* BUTLER, 2016, p. 58.) reconhece que, na linguagem hegemônica, é possível perceber a presença do sexo como substância e, assim, aplicações da linguagem podem representar uma forma de poder e de subordinação.

1.2 Pós-feminismo, neoliberalismo e suas interfaces

Pela natureza da presente pesquisa, situada no escopo de questões e de inter-relações de gênero, cabe lançar um olhar crítico sobre as marcas de pós-feminismo que se fazem presentes na situação dos dados em questão. Dentre diferentes perspectivas do termo “pós-feminismo” (LITOSSELLITI; GILL; FAVARO, 2019), destacamos a compreensão do termo como uma sensibilidade, a partir de onde é possível traçar paralelos entre o feminismo e o neoliberalismo.

Dentre as características comuns ao pós-feminismo e ao neoliberalismo, Litosselliti *et al.* (2019, p. 8) destacam que ambas as entidades evitam tratar de questões estruturais relacionadas a poder, individualizando e particularizando assimetrias, como se estas fossem resultantes de escolhas pessoais que pudessem ser isoladas de questões sistêmicas e do contexto sócio-político no qual se inserem. Ambas as entidades tratam questões de

assimetrias como um tabu que desafia a supremacia neoliberal bem como questões de gênero – “ultrapassadas” nas perspectivas do “pós”.

O convite ao empoderamento, atrelado ao chamariz do Curso de Marcenaria para Mulheres poderia, por esse prisma, ser encarado como uma escolha individual movida por suposta liberdade. As alunas pagaram por uma prestação de serviço particularizada, voltada à reafirmação do potencial feminino. Não há, ao menos a priori, a problematização por parte delas em relação ao fato de o curso não ser ministrado por uma professora assim como não parece haver necessidade de engajamento, como se todas as grandes lutas já tivessem sido encampadas no passado e as conquistas coletivas do movimento feminista já estivessem ganhas.

Segundo Litosselliti *et al.* (2019, p. 15),

Também nos debruçamos no trabalho sobre pós-feminismo com o intuito de explorar como tais políticas enfatizam a “escolha” e celebram a “diversidade” enquanto cooptam tais ideias visando ao lucro, bem como apagam qualquer noção de luta coletiva para a igualdade de gênero.²

As lutas coletivas, sob esta ótica, são então substituídas pelo senso de construção de identidade individual. Byung-Chul (2019), no entanto, nos lembra que, “mesmo a obediência pressupõe uma liberdade, pois não deixa de ser sempre uma escolha”. No pós-feminismo, o empoderamento é então comodificado, tornando-se mercadoria, commodity ao alcance de um filão de clientes por ele criado. A mesma suposta inclusão em um terreno neutro em assimetrias é o que, ironicamente, cria diferenças e, por conseguinte, desigualdade, mesmo que de forma velada e sutil:

[...] “resiliência”, “felicidade”, “bravura” e “confiança” figuram entre as características cada vez mais cultuadas pela cultura pós-feminista. Esse novo significado que remonta a noções de caráter e atitude (Allen & Bull, 2016) combina perfeitamente com a ênfase capitalista neoliberal no individualismo e na necessidade de sujeitos que abracem o risco, se responsabilizem por si próprios e tenham a tão importante qualidade de “recuperação” *quando as coisas não vão bem*.

Cameron (no prelo) chama atenção para as opressões de âmbito linguístico que são

² As citações feitas a partir de obras em língua estrangeira são traduções livres nossas.

naturalizadas no cotidiano e acabam por passar despercebidas, endossando a perpetuação da dominância masculina. Por meio do sutil, se ressalta e se consolida aquilo que denomina *gender response gap*, isto é, “a forma através da qual as percepções e comportamentos de outras pessoas com quem se interage contribuem para definir quem aquele indivíduo pode ser e que lugar ocupa no mundo”. Ainda em relação à comodificação de bens simbólicos, Heller (2010) aponta a impossibilidade de dissociação de formas/práticas linguísticas das atividades sociais a estas relacionadas.

Tencionando trazer à tona aquilo que não se percebe de imediato, apontando para a forma como se articula a comodificação de bens simbólicos, faz-se fundamental a reflexão por trás da “promessa de empoderamento” indexicalizada pelo chamariz do Curso de Marcenaria para Mulheres e o que este pode acobertar. Acreditando que formas e práticas linguísticas não podem se dissociar das atividades sociais com as quais se relacionam, Heller (2010) aponta que o capitalismo cria nichos específicos a partir de performances que representam em si a comodificação do *self*. O papel da linguagem aqui é dar destaque a tal empreendimento pela sua especificidade (como a promessa de conquistar empoderamento, no caso do curso de marcenaria para mulheres).

1.3 A *queerização* como caminho para a desnaturalização

Se a teoria *Queer* está seminalmente atrelada a questões de gênero, nos embasamos aqui na perspectiva de Moita Lopes (2013) da *queerização* como único caminho possível para desnaturalizar o naturalizado. É por meio da capacidade de problematizar questões de qualquer laminação social (raça, classe, gênero, etnia...) que se faz possível questionar e desconstruir o que já se consolidou como norma. *Queerizar* é também um exercício de percepção da construção de noções de alteridade – do “outro” em relação a um “nós”, revelando o hegemônico nas categorias não marcadas em oposição ao mercado hegemônico, como mulheres e negros.

Não há limites para o que deva ser questionado em profundidade. O discurso hegemônico, ciente disto, tira proveito, ancorando-se na inclusão e na tolerância como jargões mercadológicos de poder. Falar de inclusão, no entanto, pode implicar cair em um discurso condescendente e paternalista em que aquele que tem poder “dá espaço ou voz” ao marginalizado. Por outro lado, é evidente que, diante de diversas assimetrias sociais gritantes, não há como desconsiderar *políticas de inclusão*.

2 Recorte microanalítico interacional – das ferramentas anticristalizadoras

Neste recorte de pesquisa, situada no âmbito dos Estudos Sócio-Discursivos, voltaremos o olhar para o micro, tomando como eixo de análise a interação social – em que abordaremos questões de performance e de performatividade, de enquadres e de alinhamentos.

2.1 Performance e performatividade

A Performance, para Goffman (2014), se dá como um jogo de cena, em que os participantes são atores inseridos uma situação socialmente circunscrita. O ator espera que sua performance seja legitimada pelo seu interlocutor, que reage a ela. Relações de poder vêm à tona ou podem ser encobertas pela máscara vestida. Nem sempre, no entanto, o ator se convence da própria performance, ao que Goffman chamaria de performance cínica (GOFFMAN, 2014). Não há, no entanto, uma “identidade original” a ser contraposta a uma “identidade forjada”, visto que estamos nos construindo a todo instante nas mais diversas situações sociais.

Conforme dito, um dos vetores norteadores desta pesquisa é a relação entre poder e gênero. Com isso, nos é cara a perspectiva butleriana de performatividade. Esta entende que há um condicionamento de comportamento atrelado a gênero, que se dá no momento em que se nasce e que se anuncia o sexo de uma criança. Embora haja uma tendência a uma repetição de padrões culturalmente imputados, o conceito de performatividade não reconhece na cultura um elemento determinista, havendo, então, espaço para novas construções socialmente circunscritas a todo e a qualquer momento. Não queremos dizer com isso que o conceito de performance de Goffman tenha, na cultura, um elemento determinista, mas que a performatividade tenha, em sua gênese, tal capacidade de se desprender das determinações discursivas do senso comum. Ancorado na Teoria dos Atos da Fala de Austin, Moita Lopes entende que gênero e sexualidade são efeitos de sentidos que não preexistem ao discurso (2013, p. 243), sendo este último o elemento que cria impactos semânticos. O anúncio de um nascimento (“É uma menina”, por exemplo) desencadearia atos performativos e padrões a serem repetidos ao longo da vida de alguém, mas que podem ser quebrados performativamente a todo instante, distanciando-se de amarras essencializadoras. Atos performativos não podem, por outro lado, se repetir de forma “industrial” e exata. Há a fluidez das circunstâncias, a mudança de contexto, que é

inerente à vida e a situações cotidianas. E as mudanças, por menores que sejam, resvalam-se na performance.

2.2 Enquadres e alinhamentos

Para Tannen & Walleit (2013), os enquadres seriam o sentido construído pelos participantes a partir de uma determinada situação, refletindo o entendimento de Goffman (1981) de footing, o qual caracteriza como o alinhamento estabelecido entre os participantes em uma dada situação, negociando relações interpessoais e se posicionando a partir daí. O footing goffmaniano representaria uma postura adotada por um participante em relação aos interlocutores. Segundo Goffman, a habilidade em ajustar o *footing* em um dado contexto representaria a “habilidade de um falante competente de ir e vir, mantendo em ação diferentes círculos” (GOFFMAN, 2013, p. 147). Em outras palavras, alinhar-se teria relação com estar em consonância com o posicionamento de alguém.

Ainda em Tannen & Walleit (2013), o enquadre, que emerge a partir de pistas verbais e não verbais (pistas linguísticas, paralinguísticas e extralinguísticas), não só reflete as percepções do que ocorre em uma situação, assim como aponta a natureza da linguagem que se constitui contextualmente, qual atividade se está encenando e o sentido a ela atribuído pelos falantes.

3 Análise de dados – sobre a construção do mestre ecologista

Uma ideia que norteia nossa análise é a de que tão importante quanto *o que* se fala é *o como* se fala. Muito embora o leitor não há de encontrar aqui manifestações flagrantes de machismo, discurso de ódio, demonstrações de abusos e similares, a manifestação de forças sutis empenhadas na manutenção dos interesses hegemônicos se faz notar e está presente tanto na fala do professor quanto das alunas. Cabe também aguçar o olhar para a força que impele o grupo "subordinado" nessa situação socialmente circunscrita a zelar pela perpetuação dos interesses dos grupos hegemônicos, contribuindo para uma espécie de simbiose entre campos de forças.

Por uma ótica qualitativa interpretativista, por meio da qual a observação de dados empíricos considera a produção de subjetividades e de inteligibilidades, assumimos aqui uma postura antiessencialista, em que a percepção do sujeito se dá por contexto socialmente circunscrito, entendendo que a experiência social é singular e de caráter interpretativo. Segundo Velho (1978), o conhecimento é perspectivado e o mundo social se moldaria à

medida que o discurso sobre o ele é produzido. A vida social se constitui, desse modo, a partir do discurso e é ele que lança entendimento sobre o que acontece.

A natureza dos dados gerados aqui apresentados, transcritos conforme convenções disponíveis no Anexo I, é espontânea, aberta e sem estruturas pré-estabelecidas. Reforçamos a impossibilidade de um distanciamento pesquisador/“objeto” (sujeito) de pesquisa, visto que as lentes pessoais estão imbricadas e comprometidas. A relação de quem pesquisa com a história dos dados sacramenta a etnografia como base de pesquisa.

Ugo, o professor, compartilha um conhecimento refinado sobre a natureza e sobre seus ciclos, o que pode representar uma quebra de expectativas do tipo de saber normalmente partilhado em um curso dessa natureza e o faz sem embaraços ou atropelos. A problematização por parte da pesquisadora encontra um empecilho por perceber que o sujeito de pesquisa parece se alinhar idealmente com ideias de grupos contra-hegemônicos e que demonstre, inclusive, interesse em contribuir para o empoderamento feminino ao seu modo.

No tocante às dinâmicas de aula, estas não só compreendiam a apresentação sobre tipos de madeiras, sobre função e manuseio de ferramentas, mas também giravam em torno das experiências e das vivências do professor. O grau de domínio das alunas era variado. Algumas apresentavam mais intimidade com ferramentas, madeiras e técnicas, já outras mostravam-se quase ou completamente leigas. A maioria das alunas eram de classe média, vindas de diferentes bairros cariocas e exercendo profissões diversas, como professoras, assistentes (uma das participantes era ela própria assistente do espaço onde as aulas se davam, um espaço coletivo de trabalhos multimídia), jornalistas, estudantes universitárias, fotógrafas.

Os fragmentos selecionados para este artigo foram construídos em um momento em que o professor se constrói performativamente como alguém alinhado à natureza e a sua observação, à ecologia e a ideias contra-hegemônicas, demonstrando, a partir destes preceitos, o seu conhecimento empírico sobre a ciclicidade da natureza e a permacultura. O professor mantém-se habilmente ao centro das interações a partir dos temas escolhidos, do tom prosódico adotado e da performance de masculinidade não hegemônica. Diante desse recorte, pretendemos aqui abrir espaço para questões de gênero em contexto interacional, em que questões de ordem performativa e cultural podem se mesclar por um viés desnaturalizador. As questões de performance goffmaniana também nos são caras, possibilitando observar a forma como o professor se constrói, contando ainda com o alinhamento de suas alunas.

Ugo, o professor, à medida que exhibe sua *expertise* empírica em questões ecológicas, se constrói como ocupante do lugar central da interação, partilhando um conhecimento refinado e se alinhando a assuntos relacionados aos ciclos da natureza e à

necessidade de observação atenta antes de se promover intervenções urbanas. Esse tipo de conhecimento compartilhado constitui uma quebra na expectativa do senso comum do que seria uma aula de marcenaria padrão – atrelada *by default* à ideia de um fazer manual e pragmático.

3.1 O repertório lexical, natureza e saberes ecológicos

Dentre as pistas que levam ao alinhamento do professor aos tópicos por ele abordados, está o repertório lexical, recurso a partir do qual o refinamento de seus saberes se faz notar. Destacam-se nomes específicos ao longo da interação, como "permacultura", "bioconstrução", ou ainda nomes próprios de pesquisadores e de estudiosos da área:

1 UGO hoje (.) hoje não, já faz tempo a **permacultu:ra** (.)
 2 é:: quem inventou foi o **Bill Mollison** (.) com (.) com
 3 com um alu::uno (.) que se chama **David Green** se não me
 4 enga:no↓ (.) são dois paisagistas (.) que que eles
 5 fize:ram? (.) eles saíram por aí, (.) que nem o Darwin,
 6 sabe? (.) em comunidades alternati:vas↑ estudando as
 7 coisas ancestrais↑, (.) os costumes ancestrais (.) e
 8 uma das coisas é (.) o meio ambie::nte↑ (.)
 9 alimentaçã:o (.) a **bioconstruçã:o** (.) várias coisas (.)
 10 e aí o que aconte:ce? ele estudo::u (.) uma coisa (.)
 11 hoje a gente chega em ca:sa (.) a gente vai
 12 comprar um terre:no, (.) a gente já chega e faz o que?
 13 já constrói, né? só que a gente não sabe de onde é que
 14 vem o ve::nto (.), não sabe de onde que vem o so:l (.),
 15 não sabe de onde que vem na:da↓ (.) aí passa: (.) seis
 16 me:ses daí cê fala no::ssa, {{risos} o quarto tá muito escuro}

Deste modo, Ugo se alinha aos movimentos ecologistas, em defesa da natureza, afirmando seu interesse pelo meio-ambiente e sua tradição. Assim, valida e legitima sua autoridade nos assuntos abordados, colocando-se como alguém profundamente conectado com ecologia e com sensibilidades ancestrais.

3.2 A prosódia professoral

A prosódia lenta, marcada por diversas pausas e por alongamentos de vogais também representa uma marca da performance de Ugo. A esta, somam-se ainda as perguntas retóricas. Tais recursos imprimem um tom professoral que infantiliza as alunas. É uma prosódia associada a um falante que sabe mais direcionado a um que sabe menos, a um falante mais velho diante de um mais novo, a alguém que tem mais poder e mais saber se dirigindo a quem tem menos. Apresenta também semelhanças com a prosódia de contadores de histórias para crianças. As indexicalizações são muitas, carregando em didatismos:

Ao introduzir perguntas como “que que eles fize:ram??”, “e aí o que aconte:ce?“, “a gente já chega e faz o que?”, Ugo constrói-se como alguém que sabe falando para alguém que não sabe; como alguém que detém o poder de manter o turno e de ser ouvido. As muitas pausas (ver pausas (.) acima) e os alongamentos (com um alu::uno; se não me enga:no), marcas entoacionais (se não me enga:noi) também atuam na construção de uma prosódia usada em situações de assimetria de poder, tipicamente naquelas usadas por adultos quando falam (explicam, contam histórias, etc.) com crianças. Tais marcas sinalizam um padrão prosódico tipicamente usado em situações que, além de marcarem assimetrias de poder, trabalham também na infantilização do ouvinte.

Como já assinalado, a introdução de conteúdos em relação à ecologia e à natureza também possibilita remontar ao contexto de uma aula teórica/expositiva/ acadêmica – inclusive pelo refinamento apresentado, que destoa da expectativa do senso comum de uma aula de marcenaria.

Destaca-se ainda a forma hábil com a qual o professor administra seu estilo conversacional de “fala palestra”, característico de quem detém saber/poder em seu posicionamento não hegemônico. Nesse estilo de fala, a atenção recai em quem detém o piso conversacional por mais tempo, contrastando com o silêncio de “plateia” adotado pelas alunas com ele alinhadas. Tal posicionamento não as impede, por outro lado, de fazerem perguntas (outra forma, inclusive, de legitimar o saber pelo professor compartilhado), mas evidencia quem está com as rédeas na mão e, conseqüentemente, hierarquias e questões de

poder.

3.3 A ratificação do mestre – enquadres e alinhamento das alunas na sustentação da performance do professor

Nos momentos em que Ugo detém o piso conversacional, todas as atenções se voltam para ele que, habilmente, se mantém como o foco de atenção.

As ocorrências de sobreposições, assim como as repetições e os comentários sobre assuntos diretamente relacionados, funcionam de forma a ratificar a fala de Ugo e a com ele cooperar.

15 não sabe de onde que vem na:da| (.) aí passa: (.) seis
 16 me:ses daí cê fala no::ssa, {{risos}o quarto tá muito escuro]
 17 LARA **muito [que:nte, é**
 18 UGO [agora eu vou ter que quebrar essa janela e botar
 19 UGO o:utra janela lá do outro lado| (.) e aí ele fala o que?
 20 ele fala que a gente tem que (.) observa:r, (.) a terra
 21 que a gente comprou por um a:no, (.) que são as quatro
 22 estações pra gente saber da onde que vem o so:l, da
 23 onde que
 24 NAIR **que época**
 25 UGO quando cho:ve, aonde que a água corre, (.) aí é toda
 26 uma organização, que quando você vai construir a sua
 27 casa (.) cê vai construir de uma vez só:
 28 NAIR **Uhum**
 29 UGO não vai ter mais problema [nenhum
 30 NAIR **[o sol nasce no le:ste, se**
 31 **põe no oe:ste,**

A aluna Lara, ao completar a descrição do quarto, repete tanto a estrutura sintática

quanto a entonação adotada pelo professor e, por conseguinte, se alinha a ele em relação às possíveis consequências da não observação dos sinais da natureza.

16 **me:ses daí cê fala no::ssa, {{risos}o quarto tá muito escuro]**

17 LARA **muito [que:nte, é**

Nair, de forma semelhante, se alinha com o professor ao tentar completar sua linha de raciocínio, acrescentando elementos de natureza semelhantes aos que ele apresenta (características de um cômodo que não obedeceu aos critérios de acompanhamento dos ciclos naturais):

16 me:ses daí cê fala no::ssa, {{risos}o quarto tá muito escuro]

17 LARA **muito [que:nte, é**

Isso também acontece quando tenta inferir o que ele possa vir a dizer:

21 que a gente comprou por um a:no, (.) que são as quatro

22 estações pra gente saber da onde que vem o so:l, da

23 onde que

24 NAIR **que época**

Ou ainda ao sinalizar concordância e ao ratificar sua escuta:

27 casa (.) cê vai construir de uma vez só:

28 NAIR **Uhum**

E, finalmente, quando atesta conhecimento sobre o assunto:

29 UGO não vai ter mais problema [nenhum
30 NAIR [o sol nasce no le:ste, se
31 põe no oe:ste,

Independentemente do subenquadre adotado por Ugo dentro do enquadre de aula de marcenaria (entrevista, aula teórica, palestra, adulto com crianças...), o professor constrói sua imagem de credibilidade e se mantém em lugar de destaque por sua performance diferenciada em relação à de suas alunas que falam de forma mais acelerada e que lançam mão de interjeições e de perguntas. Ugo se mostra confortável em seu domínio performático e é hábil em manter intocada sua fachada, não importando as conversas paralelas.

Considerações finais – querer ver, problematizar, descristalizar

Conforme explanado, esperamos que este trabalho possa contribuir para desnaturalizar o naturalizado a partir da evidenciação de práticas sociais e de construções performáticas entre professor e alunas em um curso de marcenaria para mulheres – um contexto situado, socialmente circunscrito, em que a perspectiva de gênero se destaca enquanto base de compreensão dos campos de força em questão.

Em sua performance, Ugo se constrói como o conhecedor exímio da natureza e de seus ciclos – adota um ritmo prosódico lento, tom didático e professoral. Suas alunas, por sua vez, ratificam suas falas por meio de coconstruções, perguntas, repetições, conclusões de falas suspensas, risadas, interjeições e silêncio de plateia, demonstrando um empenho considerável em sustentarem a performance pelo professor projetada. São elas então que sustentam o protagonismo interacional do professor. É por meio da performatividade das alunas que assumem uma postura cooperativa e participativa, em que manifestam interesse na fala de Ugo, alternando o silêncio focado (de plateia), com perguntas e com repetições, que sustenta a centralidade interacional do professor.

Lembramos, mais uma vez, que estamos tratando de uma análise situada, na qual as laminações contextuais são todas relevantes, e apontamos, assim, para a sobreposição de assimetrias em questões de poder: Ugo é professor e a tendência naturalizadora seria a de justificar assimetrias pelo ofício ocupado, uma vez que também é possível encontrar professoras que se colocam em posição de autoridade em sala de aula. Ainda em relação à desnaturalização do naturalizado, chama atenção que esse tipo de modelo de sala de aula, no qual há uma assimetria inerente na relação entre professorxs e alunxs, ainda esteja

vigente no imaginário do senso comum. Sobram motivos para *queerizá-lo*, sabendo que há muitos educadores comprometidos com construções simétricas e horizontais em sala de aula. A justificativa de discrepância nas relações de poder entre professorxs vs alunxs acaba por enaltecer uma determinada cultura de sala de aula, relativizando toda uma gama de laminações fundamentais para a complexificação do que está em questão, como é o caso da laminação de gênero. Ugo, o único homem da interação, é aqui o elemento que consolida a entrada das alunas em um universo até então atrelado ao domínio masculino pelo senso comum, visto que, histórica e culturalmente, a marcenaria ainda é parte do universo masculino. Temos, dessa forma, um homem representando o papel de "empoderador" das mulheres, o que, para analistas do discurso e para linguistas aplicados, já constitui um motivo mais do que suficiente para uma abordagem *queerizadora*.

Referências

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMERON, D. The gender response gap. In: CALDAS-COUTHART, Carmen Rosa (org.). *Innovations and challenges: women, language and sexism*. New York: Routledge (no prelo, a ser publicado em julho de 2020).

FISHMAN, P. O trabalho que as mulheres realizam nas interações. In: OSTERMAN, A. C.; FONTANA, B. (org.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p. 31-47.

GEE, J. P. Reading as situated language: a sociocognitive perspective. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, v. 44, n. 8, p. 714-725, 2001.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2013 [1981]. p. 107-148.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. *O que é poder?* Petrópolis: Vozes, 2019.

HELLER, M. *The commodification of language*. Ontario: University of Toronto, 2010.

LITOSSELLITI, L.; GILL, R.; FAVARO, L.G. Postfeminism as a critical tool for gender and language study. *Equinox Online*, 2019.

MOITA LOPES, L.P. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: _____(Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: Festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2013 [2002]. p. 183-214.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Anexos

Convenções de Transcrição

(1.8)	Pausa
(.)	Micropausa
=	Fala colada
[Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente do turno
?	Entonação ascendente do turno
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:	Alongamento de som
TEXTO	Fala com volume mais alto
°texto°	Volume baixo
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
xxxx	Fala inaudível
((Texto))	Comentários da transcritora
hhh	Riso expirado
{{rindo} texto}	Turnos ou palavras pronunciadas rindo
.hhh	Inspiração audível

Transcrição “A adesão à permacultura”³ (excerto na íntegra)

- 1 UGO hoje (.) hoje não, já faz tempo a permacultu:ra (.)
2 é:: quem inventou foi o Bill Morrinson (.) com (.) com
3 com um alu::uno (.) que se chama David Green se não me
4 enga:no↓ (.) são dois paisagistas (.) que que eles
5 fize:ram? (.) eles saíram por aí, (.) que nem o Darwin,
6 sabe? (.) em comunidades alternati:vas↑ estudando as
7 coisas ancestrais↑, (.) os costumes ancestrais (.) e
8 uma das coisas é (.) o meio ambie::nte↑ (.)
9 alimentaçã:o (.) a bioconstruçã:o (.) várias coisas (.)
10 e aí o que aconte:ce? ele estudo::u (.) uma coisa (.)
11 hoje a gente chega em ca:sa (.) a gente vai
12 comprar um terre:no, (.) a gente já chega e faz o que?
13 já constói, né? só que a gente não sabe de onde é que
14 vem o ve::nto, (.), não sabe de onde que vem o so:l (.),
15 não sabe de onde que vem na:da↓ (.) aí passa: (.) seis
16 me:ses daí cê fala no::ssa, [o quarto tá muito escuro]
17 muito [que:nte, é
18 LARA [agora eu vou ter que quebrar essa janela e botar
19 UGO o:utra janela lá do outro lado↑ (.) e aí ele fala o que?
20 ele fala que a gente tem que (.) observa:r, (.) a terra
21 que a gente comprou por um a:no, (.) que são as quatro
22 estações pra gente saber da onde que vem o so:l, da
23 onde que
24 NAIR que época
25 UGO quando cho:ve, aonde que a água corre, (.) aí é toda
26 uma organização, que quando você vai construir a sua
27 casa (.) cê vai construir de uma vez só:
28 NAIR uhum
29 UGO não vai ter mais problema [nenhum
30 [o sol nasce no le:ste, se
31 NAIR põe no oe:ste,
32 UGO e aí: os mais anti:gos, (.) pra não esperar um a::no, o
33 que que eles faziam? (.) pegavam o tro:nco da á:rvore,

³ Modelo adaptado baseado nas propostas jeffersonianas de transcrição.

- 34 (.) e aí:, o tronco da á:rvore, esse ve:io, (.) ela
35 fica marcada por conta do vento e da á:gua†
36 LARA ah: a direção?
37 UGO aí a pessoa sa:be,
38 LARA o:lha só†
39 UGO se (.) o vento vem mais do s- do leste†, (.) fica mais
40 achatado o veio†
41 LARA aham
42 e (.) no canto da raiz† (.) ele olha pra saber onde
43 tá mais desbasta:do† (.) que aí ele sabe da onde que
44 corre a água, (.) não precisa fazer faculdade, não
45 precisa fazer nada
46 NAIR a natureza te informa†
47 é só chegar e [olhar
48 LARA [é só conhecimento?
49 UGO pô, tem um cami:nho aqui, (.) é o cainho que a água faz
50 (.) só isso hhh
51 NAIR cê não vai construir ali, [né, porra,
52 [mais nada hhh
53 NAIR vai ter uma tromba d'água, pum
54 UGO ah, aqui eu não vou constuir gente, aqui é onde corre a
55 água†
56 LARA é
57 UGO ah: aqui... (.) tá mais se:co, tá mais florido, então é
58 onde bate:?
59 LARA smais ol
60 UGO sol, leste, oe:ste,todo mundo sa:be† e aí tem? (.) são
61 as pe (.) os (.) pequenos pa:ssos, sa:be? observar,
62 primeiro†
63 NAIR pô, mas aqui na cida:de, eu acho impressionante eu fico
64 assim, horrorizada, eu sou uma pessoa que eu saio eu
65 olho muito o céu, as pessoas não olham o céu? (.) cê
66 não compre- a gente tem um cé:u† (.), né? quando você
67 muda, da da estação (.) saindo do verão†, é que você
68 come:ça: a entrar no outono, inverno, as estrelas
69 mudam, é outro céu, [impressionante†
70 UGO [as flo:res, (.) tudo [a folha
71 começa a cai::r

72 NAIR [cê vê as
73 constelações, mu:dam, (.) as pessoas não olham o céu
74 por exemplo o (.) céu agora de, sete:mbro† (.) vai ser
75 completamente diferente do céu, de jane:iro†
76 UGO e a gente sai na ru:a, [alguém pergunt (.)
77 LARA [(xxx telefo::ne aqui)
78 UGO ah::, (.) já entrou a primave:ra? (.) daí precisa ter
79 um celula:r, entrar no google pra ver se já entrou na
80 primave:ra† (.) é só você olha:r, pô, a folha tá
81 cai:ndo† começando a dar flo:r, (.) pronto, é
82 primave:ra, é um fato†
83 NAIR só sei que os morceguinho tão chegando lá perto de casa
84 na::
85 UGO *hhhhh*
86 NAIR amendoe:ira,
87 mas i:sso:: (.)
88 cigarra
89 (xxxx)
90 cigarra cantando
91 isso é uma coisa difícil de acontece::r
92 morcego† (.) razante assim, ó

BARBARA VENOSA

Mestra e Doutoranda em Letras, Estudos da Linguagem – Abordagem Social, pela PUC-Rio. Membro do GRESq Narrativa e Interação Social.

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9851720566414828>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7857-5854>

E-mail: barbaravenosa@gmail.com

LILIANA CABRAL BASTOS

Mestra em Letras pela (PUC-Rio), e também em Lettres, pela Universidade de Nancy II. Doutora em Letras pela PUC-Rio, com pós-doutorado Pela Universidade de Harvard, MA. É professora associada da PUC-Rio, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) e coordenadora do GRPEŠq Narrativa e Interação Social

Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/2129326437841299>

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2401-3060>

E-mail: lilianacbastos@gmail.com